

OUTRAS PALAVRAS: SOBRE MANUAIS E HISTORIOGRAFIAS¹

Wilton Carlos Lima da Silva²

AURELL, Jaume; BALMACEDA, Catalina; BURKE, Peter & SOZA, Felipe. *Comprender el pasado: una historia de la escritura y el pensamiento histórico*. Madrid: Ediciones Akal, 2013, 494 p.

Entre minhas aventuras recentes se inclui uma tentativa de praticar exercícios e alongamentos através de aulas de Pilates, que resultaram ao mesmo tempo em uma rápida melhoria de minhas condições físicas de homem obeso e sedentário ao custo de algumas pequenas dores musculares e certas sequelas em minha autoestima – se a traição amorosa dói, no entanto pode ser relativizada pelas minhas particularidade e as do objeto do meu desejo, já a percepção de que seu próprio corpo está lhe traindo e que isso acontece porque somente você é o responsável dói o dobro.

No entanto, em meio ao desconforto pela constatação de minhas limitações físicas e certo orgulho pela persistência estoica naquela atividade que expunha de forma inquestionável uma de minhas muitas limitações, uma sobrinha, que é fisioterapeuta, me consolou: “Pilates é assim. Se está fácil é porque você não está fazendo direito!”.

Ensinar história, particularmente na universidade, é um desafio de mesma natureza e que poderia ser descrito de forma bastante semelhante – quando é feito de forma simples e fácil é porque não está sendo bem feito.

A tensão entre as exigências de uma boa formação, as limitações de tempo e de recursos para a construção de um bom curso, os diferentes níveis de envolvimento e cognição dos alunos, a intensa e extensa produção historiográfica contemporânea, a acessibilidade limitada aos textos, as dificuldades de intercâmbios intelectuais, as tendências corporativas e de endogêneses teórico-metodológicas, a crescente especialização do trabalho docente, entre outros aspectos do ensino universitário, tornam o surgimento de bons manuais algo extremamente necessário e positivo.

No caso brasileiro, o destaque confirmado pelas segundas edições de *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*³, de 1997, e o surgimento de *Novos domínios da História*⁴, em 2012, ambos manuais organizados por Ciro Flamarion

¹ Este texto é resultado de um estágio de pesquisa realizado na Universidade de Sevilha, Espanha, entre janeiro e fevereiro de 2016, com bolsa do Programa de Movilidad de Profesores e Investigadores Brasil-España, da Fundación Carolina.

² Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Assis. Professor Livre-Docente do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP Assis. Coordenador do MEMENTO – Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias (UNESP Assis/ Diretório CNPq). E-Mail: <wilton@assis.unesp.br>.

³ CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁴ CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos domínios da História*. Rio de

Cardoso e Ronaldo Vainfas, entre outros exemplos possíveis, demonstra a importância desse tipo de publicação enquanto ferramenta de trabalho para professores e pesquisadores.

Publicações semelhantes em outros idiomas oferecem uma vantagem a mais, além do mapeamento e da ordenação de natureza didática e expositiva de um campo amplo e múltiplo que qualquer historiografia dinâmica apresenta, a possibilidade do reconhecimento de convergências e divergências temáticas e teórico-metodológicas são um ganho difícil de desprezar.

Nesse sentido, *Comprender el pasado: una historia de la escritura y el pensamiento histórico* é um livro com quatro autores, de três países distintos e diferentes especialidades, o que se traduz em um panorama historiográfico rico e diferenciado⁵.

A ambição de se oferecer uma história da historiografia, pelo menos em língua inglesa, tem outros respeitáveis representantes recentes em distintas tradições intelectuais, como *A History of Histories: epics, chronicles, romances and inquiries from Herodotus and Thucydides to the Twentieth Century* (2007), um alentado volume de 553 páginas do historiador inglês John Burrow⁶, *A global History of History* (2011), outro volumoso livro, de 605 páginas, do professor anglo-canadense Daniel Woolf⁷, ou *The Oxford History of historical writing* (2011-2012) que é uma obra coletiva, em cinco volumes, que envolve uma infinidade de autores e editores distintos por volume⁸. Embora todas as três tenham méritos indiscutíveis nenhuma delas está livre de algumas críticas e questionamentos.

O historiador inglês Keith Thomas fez uma elogiosa resenha do livro de Burrow, professor emérito de Oxford, na qual reconhece no autor, uma das maiores autoridades sobre a história intelectual dos séculos XVIII e XIX e, na obra, o resultado de um enorme esforço de erudição, com texto um muito agradável e repleto de observações agudas⁹.

Janeiro: Campus; Elsevier, 2012.

⁵ Jaume Aurell é Professor Titular de Historia Medieval e Teoria da História na Universidade de Navarra, Espanha; Catalina Balmaceda, professora de Historia Clássica do Instituto de Historia da Pontifícia Universidade Católica, Chile; Peter Burke, professor emérito da Universidade de Cambridge, Inglaterra; e Felipe Soza, professor adjunto do Instituto de Historia da Pontifícia Universidade Católica, Chile.

⁶ A obra foi traduzida para o português. Ver: BURROW, John. *Uma História das Histórias: de Heródoto e Tucídides ao século XX*. Tradução de Nana Vaz de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2013.

⁷ A obra foi traduzida para o português. Ver: WOOLF, Daniel. *Uma História global da História*. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁸ FELDHER, Andrew & HARDY, Grant (orgs.). *The Oxford History of historical writing – Volume 1: beginnings to AD 600*. Oxford: Oxford University Press, 2011. FOOT, Sarah & ROBINSON, Chase F. (orgs.). *The Oxford History of historical writing – Volume 2: 400-1400*. Oxford: Oxford University Press, 2011. RABASA, José; SATO, Masayuki; TORTAROLO, Edoardo & WOOLF, Daniel (orgs.). *The Oxford History of historical writing – Volume 3: 1400-1800*. Oxford: Oxford University Press, 2011. MacINTYRE, Stuart; MAIGUASHCA, Juan & POK, Attila (orgs.). *The Oxford History of historical writing – Volume 4: 1800-1945*. Oxford: Oxford University Press, 2011. SCHNEIDER, Axel & WOOLF, Daniel (orgs.). *The Oxford History of historical writing – Volume 5: historical writing since 1945*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

⁹ THOMAS, Keith. “Mapping the world – a History of Histories: epics, chronicles, romances and

Embora também assinala a existência de alguns pequenos equívocos só perceptíveis por especialistas, como por exemplo, a inclusão de somente duas mulheres entre os historiadores dignos de nota (Anna Commena, um princesa bizantina do século XII, e Natalie Zemon Davis, a autora norte-americana de *O retorno de Martin Guerre*¹⁰) ou seu escopo de análise limitado a historiadores da Europa e da América do Norte (particularmente os que escreveram em inglês ou estão disponíveis em tradução).

Por sua vez o livro de Woolf, que já havia organizado *A global Encyclopedia of historical writing*¹¹, de 1998, impressiona pela combinação de uma significativa erudição com um estilo agradável e didático, utilizando-se de mútuas referências entre textos e imagens, em um esforço de apresentação de uma abordagem claramente desvinculada da perspectiva eurocêntrica, e que em busca de uma perspectiva verdadeiramente global, ao longo de seus nove capítulos, valoriza escritos históricos da América do Sul, Coréia, Tailândia, Islândia, Tibete e Pérsia ao lado de outros da Antiguidade Greco-Romana, do Renascimento e do Iluminismo no Ocidente.

Os dois últimos capítulos, inclusive, intitulados respectivamente “Clio’s empire: European historiography in Asia, the Americas and Africa” e “Babel’s tower: history in the Twentieth Century”, trazem duas questões extremamente interessantes: a questão da força e influência dos modelos intelectuais europeus na historiografia não europeia e a poliglosia do discurso historiográfico contemporâneo.

Curiosamente, talvez como sintoma de nosso isolamento intelectual, quer pela questão idiomática quer por limitações da produção local, nas dezesseis páginas do índice onomástico da edição em inglês não existe nenhuma referência sobre a historiografia brasileira.

Finalmente, a extensa obra financiada por Oxford tem uma clara preocupação em afirmar tanto a excelência acadêmica de sua equipe internacional de estudiosos quanto a ênfase na diversidade cultural.

O volume 1, com 672 páginas, é organizado por Andrew Feldherr¹² e Grant Hardy¹³, oferecendo ensaios de diversos autores sobre o desenvolvimento da escrita histórica a partir do antigo Oriente Próximo, da Grécia clássica, Roma, e do Leste e Sul da Ásia desde as suas origens até 600 d.C.

O volume 2, também com 672 páginas, sob coordenação de Sarah Foot¹⁴ e Chase F. Robinson¹⁵ reúne vinte e oito especialistas que buscam apresentar a diversidade da escrita da história na Europa e na Ásia entre 400-1400, realçando tanto características regionais e culturais quanto abordagens temáticas e comparativas

inquiries, from Herodotus and Thucydides to the Twentieth Century”. *The Guardian*, Londres, 15 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/>>. Acesso em: 20 out. 2015.

¹⁰ DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

¹¹ WOOLF, Daniel (org.). *A global encyclopedia of historical writing*. Londres: Taylor & Francis; Nova York: Routledge, 1998.

¹² Professor de Antiguidade Clássica na Universidade de Princeton, EUA.

¹³ Professor da História de Religiões na Universidade da Carolina do Norte, EUA.

¹⁴ Professora de História das Religiões na Universidade de Oxford, Reino Unido.

¹⁵ Professor da Universidade de Nova York, especializado em História islâmica.

sobre gênero, guerra e religião, entre outros aspectos, que se fazem nos trabalhos de historiadores do período delimitado.

O volume 3, com 752 páginas, é organizado por quatro especialistas, o argentino Jose Rabasa¹⁶, o japonês Masayuki Sato¹⁷, o italiano Edoardo Tortarolo¹⁸, e o canadense, já citado, Daniel Woolf¹⁹, abordando o período entre 1400 e 1800, em ordem geográfica de leste a oeste, da Ásia as Américas, com as principais contribuições da escrita da história no período.

O volume 4, com 688 páginas e organizado pelo australiano Stuart MacIntyre²⁰, Juan Maiguashca²¹ e Attila Pok²², apresenta ensaios sobre a historiografia no mundo entre 1800 e 1945, abordando um leque de culturas e países que se estende do pensamento histórico e da erudição europeia passando por Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália, Nova Zelândia, México, Brasil e América do Sul espanhola, além de China, Japão, Índia, Sudeste da Ásia, Turquia, o mundo árabe e da África Subsaariana.

Finalmente, o último volume, de número 5, com 744 páginas e organizado pelo sinólogo Axel Schneider²³ e pelo canadense Daniel Woolf, que também participou da organização de um dos volumes anteriores, apresenta um arco temporal que se estende de 1945 até os dias atuais, discutindo distintas abordagens teóricas e interdisciplinares para a história assim como buscando demarcar particularidades e similitudes entre historiografias nacionais e regionais.

O diferencial de *Comprender el pasado: una historia de la escritura y el pensamiento histórico*, em contraste com as obras anteriormente citadas, segundo seus próprios autores, é que o time de quatro pesquisadores permite superar as limitações de formação de um único especialista (o caso dos trabalhos de Burrow e Woolf) ao mesmo tempo em que o número relativamente reduzido de colaboradores permite a articulação do texto enquanto um panorama mais articulado e menos semelhante a um jogral com temas estanques – o caso do manual de Oxford –, resultando em uma combinação específica de volume informacional e inteligibilidade do quadro panorâmico.

A famosa frase de Gaston Bachelard, que compara o conhecimento a uma fraca lanterna que é utilizada para iluminar um grande sótão, de modo que iluminar um dos cantos do aposento é deixar boa parte dele na escuridão, é uma imagem recorrente para descrever toda obra de síntese.

Assim como os três textos referenciados anteriormente apresentam problemas e soluções para o pesquisador ou docente interessado em ampliar ou compartilhar seus conhecimentos em uma perspectiva global da produção historiográfica, o mesmo se percebe no volume de Aurell, Balmaceda, Burke e Soza.

¹⁶ Professor da Universidade de Harvard, EUA, especialista em literatura e estudos pós-coloniais.

¹⁷ Professor da área de Teoria da História e Historiografia da Universidade Yamanashi, Kyoto, Japão.

¹⁸ Professor de História Moderna e de Historiografia da Universidade de Turim, Itália.

¹⁹ Professor da Queen's University, Kingston, Canadá.

²⁰ Professor da Universidade de Melbourne, Austrália.

²¹ Professor especialista em História da América Latina da Universidade de York, Toronto, Canadá.

²² Professor da Academia Húngara de Ciências, Budapeste, Hungria.

²³ Professor da Universidade de Gottingen, Alemanha.

Esse trabalho, inclusive, apresenta mais duas particularidades, uma de dimensão geracional, pois Burke pode facilmente ser reconhecido como um autor consolidado em termos de tempo, extensão da obra e diversidade de temas, Aurell e Balmacera seriam autores de produção mais recente, com obras bem referenciadas, mas que ainda estão se constituindo, e Soza é um jovem pesquisador, e o foco linguístico cultural, pois o historiador inglês, casado com uma brasileira, tem tanto familiaridade com a tradição intelectual de língua inglesa e francesa, como também em português, e os demais autores, enquanto conhecem a historiografia europeia, também transitam pela produção de língua espanhola – entre outros aspectos isso permitiu, em contraste com algumas das obras citadas, que a produção espanhola e portuguesa aparecesse desde de a Idade Média e houvesse um capítulo específico sobre a América Latina (assim como outros dois sobre a historiografia chinesa e a árabe).

O esforço em resgatar a prática da cultura historiográfica enquanto rede de relações que envolve produtores do conhecimento, seus receptores e os mecanismos de conservação e divulgação aproxima a estrutura do trabalho da obra clássica da história da literaturas *Mimésis*²⁴ (1946), de Erich Auerbach, na qual a apresentação do cânone divide espaço com o incentivo a descoberta e a busca dos originais. Para isso, ao final de cada capítulo há um conjunto de indicações bibliográficas e comentários sobre as principais tendências teórico-metodológicas, os autores e as obras mais representativas de cada período.

Em termos estruturais, os dois primeiros capítulos, sobre a antiguidade greco-romana (p. 09-94) ficam a cargo de Catalina Balmaceda; o terceiro capítulo, do período medieval (p. 95-142), é abordado por Jaume Aurell; os capítulos 4º, do Renascimento e a Ilustração (p. 143-182), e 5º, sobre historiografia islâmica e chinesa (p. 183-198), são escritos por Peter Burke; o 6º, sobre historicismo, romanticismo e positivismo (p. 199-236), o 7º, sobre a transição do século XIX ao XX (p. 237-286) e o 8º, sobre o giro linguístico e as histórias alternativas (p. 287-340), são tratados por Jaume Aurell e Peter Burke; enquanto que o 9º e último capítulo (p. 341-437), sobre historiografia latino-americana, é assinado por Felipe Soza²⁵.

Além da oportunidade de entrar em contato com características das obras de autores pouco conhecidos na tradição intelectual brasileira, como os árabes Ibn Khaldun e Mustafa Naima, os chineses Sima Qian e Ouyang Xiu ou o indiano Ranajit Guha, o livro destaca-se pela síntese rica e ampla sobre a historiografia latino americana.

Em geral os manuais enfrentam o desafio de equilibrarem-se entre a representação da extensão de um conhecimento sobre o qual se projetam e a síntese didática e acessível de um vasto campo de conhecimento, buscando oferecer um

²⁴ AUERBACH, Erich. *Mimésis: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. Tradução de G. B. Sperber. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

²⁵ Sobre História e historiografia da/na América Latina, ver também: MAIGUASHCA, Juan. “História marxista latino-americana: nascimento, queda e ressurreição”. *Almanack*, São Paulo, UNIFESP, n. 7, mai. 2014, p. 95-116. Disponível em: <<http://www.almanack.unifesp.br/>>. Acesso em: 21 out. 2015.

conhecimento mais rico do que a simples cultura de verniz e menos profundo do que o detalhismo do especialista.

Com certeza todos os trabalhos aqui citados, e em especial, pelas particularidades anteriormente expressas, o livro *Comprender el pasado: una historia de la escritura y el pensamiento histórico* cumpre de forma exemplar tais ambições, merecendo inclusive uma tradução para o português.

Quem ler, comprovará.



Resenha recebida em 18 mai. 2016.

Aprovada em 05 jun. 2016.